



## **Sosteniendo el barco contra viento y marea – O papel de editoras independentes para a circulação de obras literárias na América Latina: o caso da editora argentina *Final Abierto***

**Karina Lima Sales<sup>1</sup>**

Universidade do Estado da Bahia  
kalisalima@hotmail.com

**Resumo:** O texto discute a importância de editoras independentes para a circulação de obras literárias na América Latina, considerando a categoria “independente” como polissêmica e enfocando a multiplicação de pequenas editoras na Argentina vinculada a um movimento social específico, no qual a crise do mercado editorial somou-se à crise econômica e política desde 2001 e ocasionou a proliferação de editoras independentes respaldadas em projetos culturais de âmbito coletivo, cuja tônica principal foi a busca de saídas para a crise por meio de estratégias de resistência cultural. O trabalho centra-se no caso da editora argentina *Final Abierto*. Com 13 anos de existência, a editora assume como norte a tarefa de superar a fronteira nacional argentina, publicando e fazendo circular produções ficcionais e não ficcionais de autores de distintos países de América Latina. Assim, pretende-se refletir sobre as estratégias utilizadas pela editora independente para a publicação e circulação das obras literárias que constam de seu catálogo, em sua atuação como força de resistência cultural em um panorama editorial.

**Palavras-chave:** Editoras independentes argentinas – *Final Abierto* – Circulação literária – Resistência cultural

**Abstract:** The text discusses the importance of independent publishers for the circulation of literary works in Latin America, considering the "independent" category as polysemic and focusing on the multiplication of small publishers in Argentina linked to a specific social movement, in which the crisis of the publishing market added It has led to the economic and political crisis since 2001 and has led to the emergence of independent publishers backed by collective cultural projects whose main focus was the search for solutions to the crisis through strategies of cultural resistance. The paper focuses on the case of the Argentine publisher *Final Abierto*. With 13 years of existence, the publishing house assumes the task of surpassing the Argentine national border, publishing and circulating fictional and nonfiction productions of authors from different Latin American countries. Thus, it is intended to reflect on the strategies used by the independent publisher for the publication and circulation of the literary works that appear in its catalog, in its performance as a force of cultural resistance in an editorial panorama.

**Keywords:** Argentine independent publishers – *Final Abierto* – Literary circulation – Cultural resistance

---

<sup>1</sup> **Karina Lima Sales** é Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com período de doutorado sanduíche na Universidad Nacional de La Plata – UNLP, Argentina, com bolsa PDSE da CAPES – CNPQ. Defendeu a tese “Traços da periferia: Performance e Política em produções literárias marginais contemporâneas”. É Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, desenvolvendo pesquisas sobre a narrativa brasileira contemporânea, especialmente literatura marginal-periférica e escritas performáticas, bem como narrativa contemporânea argentina.

Quando se analisa o campo editorial da Argentina, na contemporaneidade, o que se percebe, positivamente, é que, no âmbito do fenômeno das editoras independentes, o número de pequenas editoras tem crescido cada vez mais. Segundo o último informe (2017) da Câmara Argentina de Publicações (CAP),<sup>2</sup> o “Libro blanco de la industria editorial argentina”, as pequenas editoras, com publicação de até 20 títulos por ano, representam 51% do conjunto de editoras do país e foram responsáveis, em 2016, por 11% do total de títulos publicados. Os números parecem promissores e salientam a necessidade de uma reflexão sobre o fenômeno da multiplicação de editoras independentes: “*Cada día surgen nuevas editoriales y esto es lo que garantiza, indirectamente, la diversidad cultural, que de otro modo se vería amenazada. Las grandes transnacionales tienden a la uniformidad*” (Abdala s/n), afirma Guido Indij, editor de Interzona e Factotum e membro de EDINAR, Aliança de Editores Independentes da Argentina.

Embora se possa situar o fenômeno cultural da proliferação de editoras independentes na Argentina como sintoma de um novo cenário de autogestão a nível global – e que se pode perceber nos mais variados âmbitos, não somente o cultural – há algumas particularidades na cena argentina que merecem destaque e influenciaram / influenciam o fortalecimento desse tipo de empreendimento editorial. Para isso, é necessário tecer algumas breves considerações sobre o contexto que levou à maciça criação de editoras independentes a partir do início dos anos 1990, bem como a importância da categoria independente, associada a

---

<sup>2</sup> Para o informe 2017 da CAP, que considerou as publicações de livros realizadas em 2016, na Argentina, foram classificadas como grandes as editoras que publicam mais de 100 títulos ao ano; médias, as que publicam entre 20 e 99 títulos; pequenas, as que publicam menos de 20 títulos ao ano e foi incluída uma nova categoria, a de editoras emergentes, cujas publicações tenham somado até 20 títulos em cinco anos. Nessa categorização, a editora argentina *Final Abierto* seria considerada como emergente. Contudo, para esse trabalho, não se adotará a classificação da Câmara Argentina de Publicações (CAP), a editora será identificada como *independente* a partir do uso que Daniela Szpilbarg tem feito do termo quando este determina projetos editoriais argentinos não pertencentes a conglomerados transnacionais, como registrado à página 3 do artigo. O fenômeno da proliferação de editoras independentes na Argentina fortaleceu-se desde o início dos anos 1990, como o texto aborda. A partir dos anos 2000 foram criadas em profusão microeditoriais, muitas de caráter artesanal, como a “Eloísa Cartonera”, que publica livros com capas feitas em papelão reciclado cortado e pintado um a um, manualmente, e com impressão e montagem em pequena escala, na oficina da editora. Ainda que se possa considerar que entre as editoras independentes e as microeditoras existem diferentes lógicas de funcionamento, modos de produção dos livros e de fazê-los circular, maneiras como se constroem os catálogos de publicações e fazê-los vir a luz, entende-se que os fenômenos dialogam e as experiências se imbricam e se interpenetram, os processos se retroalimentam.

essas editoras, antes de nos determos no caso da editora específica escolhida para análise, nesse trabalho.

A categoria de editora independente é polissêmica e tem sido estudada sob diferentes enfoques, no que se refere à realidade de Argentina, desde os anos 1990. Cada grupo de pesquisadores atribui ao termo heranças, significados e mesmo nomações diversas, o que leva Winik e Reck (546) a perceberem uma “plasticidade conceitual” do termo. Esses pesquisadores consideram a necessidade de problematização do coletivo editoras independentes e reconhecem que a denominação é uma espécie de “guarda-chuva” conceitual sob o qual se aglomeram distintos projetos.<sup>3</sup> Pochettino propõe que se use outra terminologia, o conceito de editoras literárias independentes alternativas e de autogestão. Para Malena Botto não se pode falar em *editoras independientes* se as editoras pertencem a grandes grupos transnacionais, vinculando o conceito de independência à nacionalidade dos projetos editoriais e a sua atuação como atores culturais. Para Marilina Winik, a partir de sua investigação da FLIA (Feria del Libro Independiente y Alternativa / Autónoma, criada em 2006), os laços afetivos que unem os participantes dessas editoras e o caráter de acontecimento dessas produções editoriais possibilita conceituá-las como editoras autogestivas, observando nessas editoras formas de militância cultural e política após a crise dos anos 2000, a partir das quais se desenvolvem “subjetividades no mercantilistas, afectivas y resistentes apoyadas em redes de trabajo editorial” (Winik y Reck 555). Hernán Vanoli propõe o termo *pequeñas editoras*, relacionando a gênese desses projetos às editoras surgidas na década de 1970, como *La Rosa Blindada* e *Jorge Álvarez*. Toda essa diversidade leva a

---

<sup>3</sup> Para Winik e Reck, pensar o coletivo editoras independentes “en el hoy sugiere la imagen de una sala llena de proyectos textuales, con modos de hacer siempre distintos, criterios estéticos, políticos, éticos. Con textualidades y abordaje diversos, la literatura contemporánea, el pensamiento desde el ensayo, la literatura clásica revisada, las poéticas complementarias, la teoría, todo junto, nada de eso, la experimentación. Los tipos de tiradas breves o inmensas, industriales, artesanales, cuidadas, en fotocopia, sus materialidades, texturas, encoladas, cosidas, en binder, tan disímiles. Con ideales, formas de entender las realidades circundantes, las maneras en los porqué los libros recorren a través de bits, diversos canales de distribución y circulación: grandes cadenas de librerías, pequeñas librerías especializadas, ferias independientes, ferias internacionales, mano en mano, presentaciones, prestados, regalados, canjeados, bibliotecas, todo eso, etc” (548-549).

constatações como a de Sorá, que vê a categoria *editoras independientes* como polissêmica e escorregadia, mas afirma que não se pode desconsiderar a vinculação do surgimento dessas editoras com um momento social específico e que esses projetos culturais apareceram como uma espécie de “ámbitos colectivos de salvación a través de la cultura” e que analisar a edição independente supõe “relacionarla a la totalidad de los sistemas de agentes y de prácticas que caracterizan los distintos mercados nacionales de libros e los espacios editoriales internacionales que los abarcan” (Sorá 102).

Para a perspectiva aqui abordada, adotamos o uso que Daniela Szpilbarg, a partir de vasta pesquisa, tem feito do termo *editora independiente* quando este determina projetos editoriais argentinos não pertencentes a conglomerados transnacionais. Além disso, aproximamo-nos da proposição conceitual de Szpilbarg de considerar a edição independente como um problema sociológico, dentro da conjuntura sócio-político-cultural do país desde o fim dos anos 1980, como a autora discute em “Independencias en el espacio editorial argentino de los 2000: genealogía de un espejismo conceptual”:

Nos parecía interesante pensar esta categoría como un problema sociológico porque el campo editorial es un campo de producción de bienes culturales y permite pensar el problema de las relaciones de dominación en los campos nacionales, así como también permite pensar el estatus de la cultura nacional o literatura nacional en el marco de campos nacionales muy transnacionalizados, a partir de los procesos de fines de los años 80 que suponen un escenario de progresiva globalización editorial (8).

Szpilbarg salienta que esse olhar deve contemplar também as condições sociais, políticas e econômicas da Argentina nesse período, geradas pela entrada em um regime neoliberal cada vez mais radical que gerou graves consequências na sociedade civil, bem representada pela crise dos anos 2001. Some-se a isso o fato de que o mercado editorial argentino já vinha sofrendo reveses há mais tempo, acachapado por um nefasto projeto capitalista. Marcela Croce, em seu texto “Boom, paredón y después”, demarca os anos 1990 como uma era de retrocesso, com uma sociedade naufragada em uma hiperinflação e que isso se fez sentir sobremaneira no âmbito editorial:

Buenos Aires que en los '40 era la plaza editorial latinoamericana más fuerte y que en los '60 abundaba en producción de volúmenes y creación de públicos, em los '90 será la sede de las multinacionales del libro que comienzan a engullir a las empresas autóctonas: Sudamericana será adquirida por la fusión de Randon House-Mondadori y absorbida por la discográfica BMG, El Ateneo integrará la digestión del grupo Yenny, y el Centro Editor desaparecerá por completo en 1994 después de una agonía compuesta de liquidación de saldos y recorte drástico de novedades (24).

Todo esse panorama levou o campo editorial à concentração de dois grandes conglomerados da edição, Randon House-Mondadori e Grupo Planeta, que controlavam, no início dos anos 2000, 75% do mercado de livros, segundo Malena Botto. Ainda assim, Croce analisa que a década de 1990 não deve ser vista como a “*década de pérdida o de retroceso para los libros en Argentina*” (38), e sim como um momento de flexão. É essa a chave que nos interessa, uma vez que todo esse contexto desenhado vai impactar em um movimento de resposta à crise, em que a proliferação de editoras independentes a partir do início dos anos 1990 esteve vinculada a um movimento social específico, no qual a crise do mercado editorial somou-se à crise econômica e política de 2001 e, nesse contexto, o surgimento de editoras independentes respaldou-se em projetos culturais de âmbito coletivo, cuja tônica principal foi a busca de saídas para a crise por meio de estratégias de resistência cultural. Esse primeiro momento de criação heroica e pioneira de editoras independentes, associado à situação econômica e política do país, estava associado a formas de contraculturas que originaram organizações como a Feria del Libro Independiente y Alternativa / Autónoma (FLIA), criada em 2006, de retórica abertamente política e de resistência cultural, ou a Alianza de Editores Independientes (EDINAR), com uma visão mais empresarial de mercado, lutando também pela visibilidade das publicações independentes nas vitrines das pequenas e grandes livrarias.

Atuar como editora independente no mercado editorial argentino é uma espécie de luta, com desafios os mais variados que se interpõem aos editores-autores-envolvidos em cada um dos projetos. E as editoras independentes que intentam consolidar suas ações vinculando práticas editoriais com conteúdo, para além da mera ação de publicar e vender livros, podem ser analisadas como

focos de resistência cultural. Segundo Malena Botto, “las editoriales independientes se conciben a sí mismas como actores culturales, más que como empresas con fines de lucro. La editorial es un medio para difundir ideas, arte y/o conocimientos” (Botto *La concentración y la polarización de la industria editorial* 223). E essa atuação das editoras independentes como atores culturais pode ser exemplificada pelas afirmações de Carlos Santos Sáez, editor del Grupo Editorial del Nuevo Extremo,

La existencia de nuevas editoriales argentinas representa una feliz posibilidad. Y no lo digo por la calidad desapareja de sus libros, sino por su espíritu cooperativo y sus juntadas convocantes. Sus ferias, y sus librerías, funcionan como un solo cuerpo, donde cada volumen es una célula necesaria, que se complementa con el todo sin competir. Las mesas con libros invitan a recorrer páginas, autores, texturas, textos y formas, pero no empresas editoriales. Ese ánimo cooperativo convierte a sus clientes lectores en socios militantes. Como los pequeños productores de otras manufacturas lo han hecho ancestralmente, los editores están aprendiendo a unirse para vender sus productos. En espacios físicos propios, ferias o tiendas virtuales, comparten público, gastos e ideas. Han encontrado un modo de vender sus libros fuera de la lógica comercial de los dos megagrupos multinacionales en las dos grandes cadenas de librerías (Paez s/n).

Hoje, os pequenos e médios empreendimentos editoriais (estimam-se até 400 editoras argentinas independentes) movimentam-se e são o motor da bibliodiversidade e inserem-se em um dinâmico cenário cultural que conta com o fortalecimento de eventos como a Feira de Editores (FED) que, em sua sexta edição realizada em junho de 2017 reuniu mais de 8000 pessoas, as quais enfrentaram até uma hora e meia de extensas filas para entrar e visitar as mesas com livros, atendidas pelos próprios editores e escritores, conversando sobre livros e o processo editorial de 140 editoras independentes, 25 delas de países como Brasil, Chile, Equador, Uruguai e Venezuela. Segundo dados divulgados pela mídia argentina, foram vendidos 12.000 livros em 15 horas de feira. Embora os números possam parecer otimistas, diversos são os desafios enfrentados por uma editora independente no processo de editar uma obra, imprimi-la, distribuí-la e fazê-la circular. Por isso a importância e a força do movimento de coletivização das editoras independentes que, ao se associarem, como gestores culturais, fortalecem o “*ánimo cooperativo*” de que fala Sáez e assim “*funcionan*

como un solo cuerpo, donde cada volumen es una célula necesaria, que se complementa con el todo sin competir”. Dessa maneira, o setor faz barulho, demarca sua existência, amplia suas fronteiras ao multiplicar-se e consolida a luta coletiva por meio de estratégias que ultrapassam a mera edição e o vender livros, alicerçam-se como um meio de difusão de ideias, arte e conhecimentos, através dos eventos pensados e desenvolvidos e dos catálogos que são traços da independência dessas editoras, como afirma Victor Malumián, editor de *Ediciones Godot*: “El verdadero rasgo de independencia está en la formación del catálogo que no sigue caprichos del mercado. El rasgo diferencial tiene que ver con una búsqueda específica” (Paez s/n).

E para adentrar melhor nesses aspectos arrolados até o momento, vamos nos debruçar sobre o caso de uma editora argentina independente específica, a *Final Abierto*. O contato com a editora deu-se em uma dessas redes de sociabilidade, em um evento realizado em setembro de 2017 em um bar de Buenos Aires, uma feira de editoras independentes. Para além dos grandes eventos como a FED, de edição anual, diversas ações são realizadas costumeiramente, permitindo que proliferem redes de contato entre editores, escritores e leitores, principal foco de atenção das editoras independentes.

Com 13 anos de existência, a *Final Abierto* publica livros organizados em quatro coleções. A primeira coleção, *Inédita*, possui a proposta de editar textos de ficção inéditos na Argentina de ontem e de hoje. Já a *Colección Crítica* traz discussões de pensadores e intelectuais nacionais e internacionais com temáticas sociais diversificadas. A coleção *Pesquisa*, criada em 2019, com a publicação do romance *Jaque a la reina*, de Facundo Re, apresenta a proposta de continuar a tradição da novela policial argentina. A *Colección Vanguardia* possui a proposta de trazer ao público a vanguarda literária latino-americana, com textos sempre precedidos de cuidadosos estudos introdutórios de renomados críticos. No site da editora, a *Final Abierto* é apresentada como

[...] un proyecto ideológico/cultural amplio, que intenta rescatar el pasado y dar espacio a las nuevas camadas de escritores, artistas e intelectuales para poner al pensamiento crítico nuevamente en el centro de la escena. Como parte de esto es que presentamos esta

editorial independente que desde la ficción y la no ficción intenta contribuir al debate político/cultural (Garbarino s/n).

Em entrevista concedida à autora desse trabalho, o escritor argentino e editor de *Final Abierto* José Henrique delimitou o contexto de surgimento da editora, pensada desde o início como algo além, um projeto ideológico-cultural mais amplo, denominado *Espacio Final Abierto*:

¿Cuál es la idea de la editorial?

La crisis del 2001 en la Argentina, como parte de los distintos procesos abiertos en Latinoamérica, marcan la debacle de postulados como el “fin de la historia” y la égida del pensamiento único. Es este cambio de situación favorable para los que contra la corriente veníamos batallando a lo largo de la década de los 90 contra estas posturas posmodernas, lo que nos lleva a pensar en poner en pie una herramienta que dialogue con este público que, golpeado por la realidad, comienza a preguntarse e indagar si el mundo no es algo más conflictivo de lo que parecía en esa década.

Si vos te fijás, cuando lees la introducción de uno de los dos primeros libros que sacamos *Los ‘90: fin de ciclo*. El retorno a la contradicción define desde y hacia dónde queremos ir con *Final Abierto*.

Cuando arrancamos hubo dos cosas que marcaron hacia dónde íbamos con el proyecto. La primera era nuestra decisión de apostar a la vanguardia. No habíamos sacado ni un solo título de nuestra colección de ficción *Vanguardias latinoamericanas*, pero en nuestra página ya estaba anunciada. Porque creíamos firmemente que cuando la contradicción del mundo se hace más evidente las vanguardias adquieren interés y peso. Apostamos a la vanguardia para volver a ella. La otra cosa fue que no nos presentamos como editorial sino como *Espacio Final Abierto* porque la idea era tratar de empalmar con los nuevos fenómenos político/culturales que sabíamos que surgirían al calor de la nueva situación, ya sean pintores, cineastas, etc. (Henrique “La trayectoria” s/n).<sup>4</sup>

Em seu depoimento, José Henrique destaca sempre essa amplitude de ações pretendida pela editora, estabelecendo uma grande rede de ações com outros grupos culturais que também se fortalecem pela via das redes independentes, como a parceria estabelecida com DFW – Productora Visual, que produziu alguns vídeos para *Final Abierto*, como entrevistas ao escritor Noé Jitrik e material de marketing pelos dez anos da editora. A produtora DFW é formada

---

<sup>4</sup> Depoimento coletado de entrevista concedida pelo editor e escritor José Henrique à autora do trabalho em 15 de novembro de 2017.

por jovens e é um exemplo de fenômeno independente nas artes visuais que se organiza de modo muito similar ao das editoras independentes, “o sea, como colectivos, donde hay un sector que tiene cosas para decir e intenta hacerlo con mucho trabajo” (Henrique “La trayectoria” s/n). Outras colaborações são estabelecidas com outros grupos, além de cineastas e produtores de vídeo, também intelectuais / artistas das artes plásticas, músicos, sempre com atividades cuja tônica seja a marca da coletividade, preocupação com questões sociais e uma gestão independente.

A Editora *Final Abierto* foi criada e é gerida por três amigos, José Henrique, Marcelo Garbarino e Mario Iribarren, desde 2006, quando planejaram a publicação das duas primeiras obras, uma de ficção e outra de não ficção. Em seu depoimento, Henrique salientou que já tinham claro todo o projeto estético-ideológico-cultural, antes de publicarem livros:

Nosotros trabajamos durante todo el 2006 en armar la estructura del proyecto [...], creamos toda la identidad textual, quiénes somos, desde dónde y contra quién hablamos, etc. y también la identidad gráfica, todo, antes de sacar un sólo libro. Definimos los colores de cada colección, que las tapas negras van a definir los libros de no ficción, las tapas blancas los de ficción (Henrique “La trayectoria” s/n).

Em 2007, em um ousado movimento, *Final Abierto* apresenta-se ao público com dois livros, um da *Colección Inédita*, intitulado *La enfermedad*, do escritor José Henrique, e outro da *Colección Crítica*, *Los '90: fin de ciclo. El retorno a la contradicción*, com artigos de intelectuais de variadas áreas. A configuração desse primeiro livro de não-ficção demarca um posicionamento ideológico de que a editora, como nos afirmou José Henrique, “não publica qualquer coisa”.<sup>5</sup> Com uma vertente marcadamente de esquerda, os editores de *Final Abierto* deixam entrever isso em muitas das publicações. Esse primeiro livro da *Colección Crítica* foi organizado com textos de Vicente Zito Lema, dramaturgo, jornalista e advogado dos direitos humanos, além de professor de Psicologia Social; Pablo Pozzi, Flabián Nievas, Claudio Katz, Marcela Croce, Christian Castillo, Pablo Bonavena, todos professores das Faculdades de Filosofia e Letras e de Ciências

---

<sup>5</sup> A afirmação específica foi “Nosotros no editamos cualquier cosa”.

Sociais da Universidade de Buenos Aires, UBA; além de Andrea D'Atri, membro do Conselho do Instituto do Pensamento Socialista (IPS) Karl Marx.

E a partir dessas primeiras publicações, a editora passou a desenvolver um acirrado trabalho de divulgação, participando de mesas de discussões em universidades (principalmente em virtude de publicações de não-ficção), de feiras de livros, eventos de editoras independentes para um colocar-se na cena editorial. Ao longo desses onze anos, esse trabalho de editoração se consubstanciou em vinte e um títulos distribuídos nas três coleções da editora. A *Colección Crítica* apresenta nove títulos, um deles já citado. Os outros transitam por temáticas variadas, mas dentro do escopo temático adotado pela editora: *El gigante fragmentado: sindicatos, trabajadores y política durante el kirchnerismo; Peronismo y representación: escritura, imágenes y política del Pueblo; Universidad, política y movimiento estudiantil en Argentina (entre la "Revolución Libertadora" y la democracia del '83); Guerra: Modernidad y contra modernidad; Apuntes sobre la formación del movimiento estudiantil argentino (1943-1973)*. Todos esses anteriores foram livros organizados com artigos de autores diversos. Há ainda os livros *Vietnam y las fantasías norte-americanas* e *War Stars: guerra, ciencia ficción y hegemonía imperial*, do americano H. Bruce Franklin, traduzidos pela primeira vez ao espanhol pela editora *Final Abierto*, o que garantiu à editora vendas inclusive na Espanha, além dos países latino-americanos que falam espanhol.<sup>6</sup> O último título dessa coleção foi lançado em maio de 2018,

---

<sup>6</sup> Nesse caso dos livros de Bruce Franklin, inverteu-se a lógica dominante de mercado em que a tradução primeiramente é realizada pela Espanha e que pouco garante uma adequada circulação de obras traduzidas ao espanhol nos países da América Latina, uma vez que a política de exportação de livros obedece a determinadas diretrizes em que a quantidade não é o foco, apenas há um cumprimento de cotas. Além disso, a tradução realizada pelo tradutor e editor Mario Iribarren desses livros do autor norte-americano permite sua inserção em programas acadêmicos de universidades as mais diversas de América Latina, o que também contribui para a divulgação do excelente trabalho de editoração de *Final Abierto*.

*Homosexualidad y revolución*, do escritor Dan Healey, publicado originalmente em inglês em 2001 e agora traduzido ao espanhol por *Final Abierto*.<sup>7</sup>

A *Colección Inédita*, com nove títulos, apresenta em seu escopo autores argentinos e uma escritora boliviana.<sup>8</sup> Em 2017, a publicação do livro *Limbo*, do consagrado autor argentino Noé Jitrik rendeu à editora uma maciça divulgação na mídia, dado que o livro, cuja primeira publicação fora no México, em 1989, não havia sido publicado ainda na Argentina até aquele momento. O oitavo livro da coleção foi publicado em maio de 2018, como fruto do *Primero Concurso de novelas Final Abierto*, iniciado em 2017, em comemoração aos dez anos da editora. O concurso surpreendeu os editores, que receberam 290 romances para avaliação, o que demandou um minucioso trabalho de análise, para chegar a cinco finalistas para a etapa final de avaliação pelo júri composto pela escritora cubana Jamile Medina Ríos, a boliviana Giovanna Rivero, o escritor mexicano Pedro Palau, o equatoriano Raul Serrano Sánchez e o argentino José Henrique. O concurso deixou a editora com um saldo de romances a serem publicados nos próximos anos, considerando o grande número de participantes. Segundo o editor Henrique, a ideia é publicar ao menos os dez finalistas do concurso:

Es un esfuerzo grande salir a descubrir autores, pero es lo más interesante para un editor. El concurso fue un desafío y un trabajo enorme. Recibimos 290 novelas, en un momento nos sentimos superados, pero gracias a la colaboración de mucha gente pudimos sacarlo adelante. Pensamos en recibir 100, 150... La cantidad de novelas que nos mandaron marca que nuestra caracterización era correcta. La concentración editorial hace que haya pocos espacios para que los escritores no reconocidos editen, no hay quién los lea, porque para el mercado descubrir autores es lo más costoso y lo menos rentable. Por eso los grandes monopolios del libro resuelven esto comprándose todas las editoriales que van quebrando por la crisis, pensá que compran veinte o treinta años de trabajo construyendo un fondo

---

<sup>7</sup> No texto de apresentação do livro, no site da editora, consta: “Publicado originalmente en inglés en 2001, este ensayo fascinante indaga en la historia del sexo homoerótico en la Rusia zarista y la Unión Soviética. Su autor, Dan Healey, nos lleva desde el San Petersburgo decimonónico con sus casas de baño y sus sitios de ligue, pasando por la despenalización de la homosexualidad durante la Revolución Rusa, hasta la persecución homofóbica bajo Stalin y en la posguerra. Diarios íntimos, informes psiquiátricos y forenses, las actas de los tribunales de los años 30, las voces del gulag, se van entrelazando en este mosaico histórico que, cien años más tarde, aun nos interpela y nos invita a la reflexión” (Garbarino et al. s/n)

<sup>8</sup> O nono livro da coleção foi publicado em 2018, é um livro de contos da escritora boliviana Giovana Rivero, intitulado *Para comerte mejor*.

editorial, por poca plata. El concurso además de la novela ganadora nos dejó diez, quince autores de muy buena calidad para editar en la Colección Inédita (Henrique “La trayectoria” s/n).<sup>9</sup>

A *Colección Vanguardia* é a que apresenta o menor número de publicações, quatro, até agora, com dois livros do equatoriano Pablo Palacio, um do norte-americano Calvert Casey e outro do chileno Juan Emar, pseudônimo de Alvaro Yáñez. O quinto volume da coleção sairá em 2019, o livro *La casa Modesa*, publicado originalmente em 1949 pela escritora argentina Fina Warschaver, militante do Partido Comunista. Segundo o editor José Henrique a maior dificuldade para publicar nessa coleção é a questão dos direitos autorais de autores já falecidos, a dependência da liberação dos direitos de publicação por parentes ou espólios familiares. A proposta da coleção de centrar-se nas vanguardas latino-americanas é impactante:

Las vanguardias latinoamericanas de la primera mitad del siglo XX se expresaron con una calidad y un temperamento inusitados, tanto en la literatura, como en la plástica, la música (tango, son, samba), el teatro y por supuesto estuvieron imbuidas de ese nuevo género de la época, el cine.

La magnitud de estas vanguardias literarias hace que sea imposible entender el conjunto de la literatura latinoamericana y universal sin transitarlas. Es justo afirmar que éstas, junto con los norteamericanos, probablemente hayan producido las obras más audaces de ese período mundial signado por una situación de crisis, guerras, revoluciones y por la formación acelerada y cosmopolita de las grandes metrópolis en América (Henrique “Contratapa” s/n).

A opção por publicar Palacio deu-se principalmente por um desejo pessoal do editor Henrique de publicar um autor a quem conhecera durante o curso superior, lendo fotocópias dos livros do equatoriano. Para Henrique, era necessário resgatar o legado do escritor, que havia décadas quase não era encontrado em livrarias argentinas. A recepção à publicação foi bastante

---

<sup>9</sup> Essa questão de dar vez e voz a novos autores também aparece explicitada na página web da editora, na aba “Manifesto”, cujo texto registra: “Porque este espacio apuesta a empalmar con quienes vienen produciendo en distintos lenguajes expresivos. Porque queremos que se vea, se escuche y se lea lo que muchos intelectuales y artistas tienen para decir. Porque no rige la ganancia nuestro proyecto sino dar a conocer lo que ésta y su ambición dejan en la oscuridad. Porque este Espacio sólo se sostiene sumando esfuerzos. Por todo esto es que nos interesan tus producciones, ya sean obras de ficción, artículos sobre distintas problemáticas, fotos, cine, pintura, escultura, teatro, etc.” (Garbarino et al s/n).

positiva, o que alavancou as vendas. Ao longo de 2009, 2010 e 2012, foram publicadas cerca de oito reportagens ou notas em jornais de peso, tanto na Argentina quanto em outros países de América Latina. Os outros títulos não obtiveram a mesma cobertura de imprensa, mas também atendem ao desejo de colocar à disposição de um público leitor, em variados espaços, livros de autores da vanguarda latino-americana que não haviam sido publicados na Argentina ou já o foram muitos anos antes. Chama a atenção em todos os livros dessa coleção o fato de serem acompanhados de cuidadosos estudos críticos introdutórios de pesquisadores renomados, que justificam a importância da publicação desses livros e autores, e acabam funcionando também como parte do processo de divulgação e circulação dessas obras em âmbito acadêmico, dada a inserção desses pesquisadores principalmente em universidades públicas.

Ao longo dos anos, houve mudanças no desenho gráfico dos livros, mantendo-se o padrão de cores para cada coleção, mas ampliando-se o tamanho das imagens das capas, que não recebiam muito destaque. Segundo o editor Henrique, essas mudanças também são parte do projeto de fortalecer a identidade visual dos livros da editora:

Nos preguntamos qué priorizamos gráficamente, ¿instalar la editorial, que se conozca, que la miren y digan el libro es de Final Abierto o cada libro en sí mismo? Entonces nos inclinamos por lo primero. Definimos hacer hincapié en que las tapas reflejen una identidad editorial, que vos las mirás [...] y te das cuenta de que son de Final Abierto (Henrique “La trayectoria” s/n).

Uma das preocupações da editora (e um dos desafios enfrentados pelas editoras independentes, de modo geral) é a questão da divulgação e circulação das obras. Com tiragens iniciais de 500 exemplares, os livros publicados pela editora precisam circular e *Final Abierto* investe também na presença dos livros em livrarias, além da venda de livros em feiras e eventos:

Tiramos 500 ejemplares, de algunos títulos, 1000. Esta fue una decisión conflictiva y no estamos seguro de que haya sido la correcta, pero fue una apuesta. Podríamos haber hecho menos ejemplares de algunos textos que tienen poca venta porque sus autores son desconocidos. Pero esta decisión tuvo que ver con tratar de estar en el circuito de librerías para que nuestro material sea visible. Nosotros también participamos de las Ferias del libro independiente que podemos,

además de vender directamente desde nuestra web, esto es lo que más nos conviene, porque vos pensá que el libro que se vende en la librería entre el porcentaje que se queda ésta y el del distribuidor llega hasta el 60% del precio de tapa. Porque la concentración también se dio acá, donde lo que primaron fueron las cadenas de librerías, donde inclusive con estos porcentajes que tienen de ganancias, es muy difícil para el libro independiente ser aceptado para la venta (Henrique “La trayectoria” s/n).

Em Buenos Aires, como parte do processo de distribuição das obras, os livros podem ser encontrados nas redes de Librerías Yenny-El Ateneo, Librería Hernández e na Waldhuter Distribuidora. Sobre a circulação das obras para além da Argentina, a Editora *Final Abierto* possui uma rede de apoio. A cadeia de livrarias Mr. Books, do Equador, possui todo o catálogo da editora independente argentina em seu acervo, tanto para vendas nas lojas físicas quanto para comercialização virtual. Os livros também são enviados para a Espanha, através de uma pequena distribuidora, a Canoa livros. Já a livraria argentina García Cambeiro<sup>10</sup> ajuda a fazer com que os livros de *Final Abierto* cheguem até universidades estrangeiras, principalmente americanas, ampliando a rede de distribuição e facilitando a circulação das publicações. Claro que há que se considerar aí, também, a importância dos leitores para a divulgação da editora. E esses leitores são conquistados nas mais variadas situações: há aqueles que acompanham as publicações da editora desde o seu início, há treze anos, e contribuem para a formação de novos leitores *Final Abierto*; há os conquistados nas feiras frequentadas pela editora; os que chegam aos livros através das livrarias que os revendem, bem como a contribuição dada pelos colaboradores de *Final Abierto*, em vários países, que de alguma maneira também ajudam a difundir os livros, seja escrevendo os textos introdutórios para livros ou levando-os para espaços acadêmicos, adotando livros em suas práticas pedagógicas ou realizando investigações sobre a editora, como é o caso desse trabalho. Esse trabalho de divulgação mão a mão, boca a boca, pela constituição de redes de leitura dos

---

<sup>10</sup> Em sua página virtual, a “Librería García Cambeiro”, argentina, apresenta o lema “Más que libros, servicios y asistencia para bibliotecas” e registra que se “especializa en la identificación, selección y suministro de publicaciones de intereses académico y temática Latinoamericana publicada en Argentina y Brasil, liderando desde hace 50 años la oferta de libros y revistas con servicios a bibliotecas en más de veinte países” (García Cambeiro s/n).

livros publicados por *Final Abierto*, pode resultar em efeitos bastante significativos no processo de divulgação da editora, tornando-a mais e mais conhecida, superando a fronteira nacional argentina e contribuindo para fazer circular as obras editadas inclusive para além dos países de origem dos autores publicados pela editora.

Ainda que existam dificuldades (e sempre existem), o fenômeno das editoras independentes, que engloba a *Final Abierto*, tem crescido, enfrentando uma adversa conjuntura econômica argentina atual, que impacta na existência / resistência das editoras, dado o cerceamento do poder de consumo dos prováveis leitores. Ainda assim, as editoras sobrevivem e se faz premente que essas temáticas sejam exaustivamente discutidas, em variados segmentos, para continuar garantindo a viabilidade de todo um sistema de editoras independentes. Para Guido Indij, editor de Interzona, mesmo em meio a essa conjuntura adversa, é preciso analisar a efervescência das editoras independentes:

Si pudiera hacer el ejercicio de abstraerme de la situación económica y social del país, o del momento del sector libro con librerías ahogadas, importación indiscriminada, incrementos siderales de logística y servicios públicos, cese de adquisiciones institucionales de libros, ausencia de políticas para el libro y la lectura..., la zona independiente está en efervescencia. En un plano general son cientos de editoriales publicando un puñado de títulos cada una. Y tanto ellas como aquellos que fundamos nuestros proyectos en la generación de editoriales que surgieron a comienzos de los años 90, tenemos problemas para encontrar nuestra sustentabilidad. Si lo analizás desde el plano personal, o desde el emprendedorismo, es un momento crítico. Si lo ves a través del lente de la cultura, es un momento espléndido: miles de títulos publicados por cientos de voces diferentes es proporcionalmente más rico y diverso que miles de títulos publicados por dos o tres gerentes de empresas multinacionales más preocupadas por el rendimiento de sus inversores y por la continuidad de sus propios beneficios que por aportar a la cultura de la sociedad en la que están inmersos (Paez s/n).

Apesar de longa, a citação mostra-se necessária por tocar em pontos sensíveis à discussão aqui empreendida. Há contradições, mas ainda assim o saldo é mais positivo que negativo, a categoria das editoras independentes está em transformação constante. Segundo Szpilbarg, “ha sumado progresivamente

una cantidad de espacios de circulación que permiten pensar en una complejización del campo, pero también en los modos en que las editoriales llamadas independientes se han ido profesionalizando, generando un circuito propio” (“Independencias” 19). Nesse contexto se inserta a Editora *Final Abierto*, cuja trajetória tem se consolidado, através de ações que fortalecem o projeto ideológico-cultural delimitado desde sua gênese. E assim *Final Abierto* segue seu curso, sustentando o barco contra “o vento e a maré” das forças adversas que se apresentem. Firme, apesar das tormentas.

## **Bibliografía**

Abdala, Verónica. “Editoriales independientes: la potencia de lo pequeño”. *Caderno Cultura do Jornal Clarín*. 05/08/2016. Web. 22/11/2017.

Alianza Internacional de Editores independientes. Actas de Congreso de Edición Independiente 2007. Web. 10/12/2017.

Botto, Malena. “1990-2000. La concentración y la polarización de la industria editorial”. De Diego, José Luis (ed.). *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires: FCE, 2006.

Croce, Marcela. “Boom, paredón y después”. Bonavena, Pablo et al. *Los '90: fin de ciclo. El retorno a la contradicción*. Buenos Aires: Final Abierto, 2007, p. 21-39.

Garbarino, Marcelo; Henrique, José; Iribarren, Mario. *Final abierto*. Final abierto. Web. 04/11/2017.

García Cambeiro. Latbook. Web. 14/12/2017.

Henrique, José. Contracapa de libro. Palacio, Pablo. *Un hombre muerto a puntapiés*. Buenos Aires: Final Abierto, 2009.

---. “A modo de introducción”. Bonavena, Pablo et al. *Los '90: fin de ciclo. El retorno a la contradicción*. Buenos Aires: Final Abierto, 2007, p. 11-18.

---. “La trayectoria de la editorial argentina *Final Abierto*”. Entrevista a cargo de Karina Lima Sales. 2017. Inédito.

León, Gonzalo. “Mucho más que catálogos: las editoriales independientes y su papel en la industria”. Infobae. 9/06/2017. Web. 11/01/2018.

Paez, Natalia. "Zona independiente. El otro lado de la industria editorial". *La Nación*. 06/08/2017. Web. 22/11/2017.

Pocchettino, A. "Interpelaciones y legados de la autobiografía colectiva en la literatura argentina. Experimentación, transbiografía, efectos y huellas de la vanguardia." *Anais do VIII Congresso Internacional de Teoría y Crítica Literaria Orbis Tertius, La Plata*: Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria - IdIHCS/CONICET, Universidad Nacional de La Plata, 2012.

Sorá, G. El mundo como feria. In (ter) dependencias editoriales en la Feria de Frankfurt. *Comunicación y Medios* 27 (2013): 102-128

Szpilbarg, Daniela. "Independencias en el espacio editorial argentino de los 2000: genealogía de un espejismo conceptual". *Estudios de Teoría Literaria* 4. 7. (2015): 7-21

Szpilbarg, Daniela; Saferstein, E. "La independencia en el espacio editorial porteño". Wortman, A. *Mi Buenos Aires querido*. Buenos Aires: Prometeo, 2012, p. 240-263.

Szpilbarg, Daniela; Muñiz, J. "Concentración y profesionalización en la escena editorial argentina. Un estudio de casos". *Anais do Congresso PREALAS, AAS*, Resistencia, Argentina, 2014.

Vanoli, Hernan. Sobre editoriales literarias y la reconfiguración de una cultura. *Revista NUSO*, Buenos Aires, 2011, p. 129-151.

Winik, M.; Reck, M. Un posible final para un certero inicio: acerca de los nuevos desafíos de las editoriales independientes. *Anais do Primer Coloquio Argentino del Libro y la Edición*, La Plata, Argentina, 2012.